APRESENTAÇÃO

DOSSIÊ: INTELECTUAIS E EDUCAÇÃO NA AMAZÔNIA

MARIA DO PERPÉTUO SOCORRO GOMES DE SOUZA AVELINO FRANÇA^{*}
VITOR SOUSA CUNHA NERY^{**}

Este dossiê reúne estudos sobre intelectuais e educação na Amazônia, destacando suas ações, sentimentos, visões de mundo, saberes e práticas educativas em diferentes tempos e espaços. Os intelectuais, produtores e intérpretes da realidade social, buscaram nela intervir criando redes de sociabilidades que abarcam tanto o mundo letrado como o mundo iletrado, para não cairmos no erro de nos limitarmos à trajetória somente dos “grandes intelectuais”, mas “descermos até o estrato intermediário dos intelectuais de menor notoriedade, mas que tiveram importância enquanto viveram”, como sugere Sirinelli (2003, p.246).

Nos últimos anos temos nos deparado com uma renovação de estudos sobre a história dos intelectuais no país. Novas pesquisas buscam compreender as circunstâncias históricas e culturais que marcaram as suas produções. Os estudos têm se voltado à trajetória de vida e formação de intelectuais, às redes de sociabilidades que lhes deram notoriedade em âmbito nacional, internacional e regional, à participação deles nas políticas educacionais, à produção de saberes e práticas educativas em diferentes contextos culturais.

Há, sobretudo, na historiografia brasileira, uma abordagem de pesquisa que vem sendo escrita e que se dedica aos chamados “intelectuais da educação”, onde o foco tem sido a história e atuação de determinados personagens que, de um modo ou de outro, deixaram contribuições singulares ou plurais no campo da educação. São sujeitos engajados na educação pública, preocupados com métodos de ensino, com uma proposta de alfabetização ou mesmo de expansão de escolas nos seus variados níveis e objetivos. Nessa empreitada, são muitos os personagens que se tornaram referências e objetos de estudos que vêm servindo, de maneira problematizadora, à compreensão dos fatos que compõem a malha da história da educação brasileira (Magalhães; Barreto, 2016).

^{*} Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Professora da Universidade do Estado do Pará (UEPA).

^{**} Doutorando em Educação na Universidade Federal do Pará (UFPA). Professor da Universidade do Estado do Amapá (UEAP).

Os seis textos aqui apresentados são de pesquisadores dos estados do Rio de Janeiro, Pará e Amapá, que se valem de uma multiplicidade de abordagens e fontes históricas para compreender os processos históricos e educacionais da região amazônica.

Abrimos o dossiê com o artigo de Irma Rizzini, “Catequização e pacificação na Província do Amazonas: As viagens de Antonio de Macedo Costa e João Barros Rodrigues”, que analisa os projetos de intervenção social sobre os amazônidas defendidos por esses intelectuais. O primeiro era representante da Igreja e o segundo do Estado. Ambos realizaram viagens pelos rios amazonenses com a finalidade de conquistar para suas causas a população e o seu território. Destaca a autora, que as viagens pastorais de D. Antônio de Macedo Costa, Bispo do Pará (1861-1889), consistiam na catequese e civilização do homem amazônico, enquanto as excursões empreendidas pelo Diretor do Jardim Botânico do Amazonas, José Barbosa Rodrigues (1883-1889) tinham por objetivo a pacificação dos índios selvagens Crichanás. As obras dos autores são tomadas como relatos de viagens. Elas estão carregadas de representações sobre os costumes e os modos de vida da população amazônica, imagens construídas nas viagens de evangelização, educação e “pacificação” dos índios da região.

João de Deus Santos de Sampaio e Regina Lúcia da Silva Nascimento, no texto “O advento do movimento escoteiro no Território Federal do Amapá: uma política de educação extraescolar (1945-1947)”, trazem para discussão a história do escotismo no Brasil, focalizando como se deu a implantação e consolidação desse movimento no Território Federal do Amapá, localizado no extremo norte brasileiro. Os autores apoiados em fontes históricas como jornais, relatórios de governo, leis, fotografias e na produção historiográfica sobre o escotismo, destacam as finalidades cívicas, patrióticas, militares e religiosas desse movimento na formação de crianças, jovens e adultos entre os anos de 1910 e 1947. Na capital do Território Federal do Amapá, segundo os autores, foi fundado em 1945, o primeiro Grupo Escoteiro Veiga Cabral. A partir desse ano intensificou-se a criação de novos grupos de escoteiros na capital e no interior amapaenses. O escotismo passou a integrar a política educacional do governo desse território e, com mais de cem anos de existência, ele constituiu-se em uma

prática educativa que ao longo do tempo sofreu mudanças para atender a novas exigências sociais, culturais e políticas.

Em “Educação Popular: projetos pedagógicos para a emancipação”, os autores Marcelo Conceição da Rocha Campos e Eliana do Socorro Brito Paixão, analisam a criação e implementação de projetos pedagógicos que têm por objetivo contribuir para a preservação da memória e difusão do pensamento de Paulo Freire. Na esteira desse processo tomam como referência de investigação o projeto Cátedra Paulo Freire da Amazônia, espaço de ensino e pesquisa que busca recriar práticas educativas emancipadoras humanizadoras. Fundamentado nos escritos de Paulo Freire e em estudiosos das obras desse autor, o artigo traz para o debate as contribuições de Paulo Freire nos campos sociais, políticos e educacionais, apontando não somente as bases políticas e filosóficas do projeto da cátedra, mas, também, a atualidade do legado freireano que ultrapassou tempos e lugares. Discorrem os autores sobre a criação da Cátedra Paulo Freire na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, em 1998, e da Cátedra Paulo Freire da Amazônia, em 2016. As cátedras são espaços que desenvolvem estudos e pesquisas sobre o pensamento de Paulo Freire, enfocando as suas contribuições teóricas e práticas no campo educacional. Na Amazônia, a Cátedra Paulo Freire, vai permitir que se faça a história da educação popular nessa região do país.

Maricilde Oliveira Coelho, no artigo “Mariana Cavalleiro de Macedo: trajetória de uma normalista modelo”, apresenta fatos da vida profissional e pessoal de Mariana Cavalleiro de Macedo Vianna, que desempenhou as funções de professora normalista e escritora de contos infantis em Belém do Pará, no final do século XIX, produzindo e refletindo sobre a instrução e o modo de instruir a infância brasileira. O estudo do trajeto pessoal e profissional de Mariana Cavalleiro de Macedo Vianna revela as ideias e ações de uma mulher que atuou de forma ampla, quer seja como educadora ou como escritora, no processo de identificação da nova geração com o republicanismo.

Em “Mestre Oscar e o Território Federal do Amapá: um projeto intelectual dedicado ao ensino de música em Macapá no século XIX, Vitor Sousa Cunha Nery analisa a atuação do Mestre Oscar Santos no ensino de música no Território Federal do Amapá, no século XX, e a sua constituição enquanto um intelectual amazônico. Utilizou-se como fonte de pesquisa da biografia de Oscar Santos, além de fotografias,

notícias de jornais e de blogs disponíveis na Internet. Apresenta-se a trajetória de vida do Mestre Oscar Santos, destacando os itinerários de sua formação, as suas redes de sociabilidade e a sua geração. No Território Federal do Amapá, Oscar Santos transformou-se num grande educador musical e tornou-se o responsável pela Academia de Música Oscar Santos, onde formou várias gerações de músicos que tocam em bandas. Tornou-se igualmente mestre e maestro das primeiras bandas do Amapá e da Orquestra Oscar Santos, de onde saíram os primeiros conjuntos musicais do Amapá. O artigo destaca que Mestre Oscar construiu seu projeto intelectual na troca de experiências e amizades com grandes personalidades da música e cultura da sua geração.

Finalizamos o dossiê com o artigo “A cultura infantil ribeirinha: o brincar e os brinquedos no cotidiano da comunidade Arraiol/Bailique-AP”, das autoras Priscilla Pantoja do Nascimento Brandão e Ângela do Céu Ubaiara Brito, que analisam o brincar ribeirinho por meio das práticas culturais de crianças da comunidade de Arraiol no Arquipélago do Bailique, no Amapá. Utilizam a história oral para compreender os fenômenos sociais em foco por meio das narrativas. Não abordam somente vozes, mas também gestos, risos, expressões faciais, entre outros, com base nas vivências e registros orais e fotográficos. Os dados parciais demonstram que o brincar da terra se faz presente no cotidiano da comunidade. Também apresentam índices de que os jogos, brinquedos e brincadeiras tradicionais dos ribeirinhos sofrem modificações ao longo do tempo, mas ainda são formas de mediar o processo de aprendizagem e desenvolvimento da criança. Elucidam, assim, parte das culturas infantis das comunidades ribeirinhas por meio de artefatos sociais e culturais.

O conjunto dos artigos traz à tona temáticas e práticas educacionais no contexto amazônico, e em especial nos estados do Amazonas, Pará e Amapá nos séculos XIX e XX, dando visibilidade a sujeitos que marcaram de alguma forma presença no cenário educacional, mas que ao longo do tempo permaneceram “sem rosto”, sendo pouco citados pela historiografia da educação, como se suas trajetórias fossem sem significado e valor. Nesse sentido o dossiê se propõe a dar visibilidade a alguns desses sujeitos e intelectuais, por meio da investigação de seus itinerários e redes de sociabilidade na educação. Desejamos a todos uma excelente leitura.

Referências

MAGALHÃES, Justino Pereira de; BARRETO, Raylane Andreza Dias Navarro. Os intelectuais e a educação: abordagem histórica e biográfica. *Revista Educação em Questão*, Natal, v. 54, n. 41, p. 61-85, maio/ago., 2016.

SIRINELLI, Jean François. Os Intelectuais. In: REMOND, René. *Por uma História Política*. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 2003.